

*A diretora dos espíritos
da classe: a “Sociedade
União Operária” de Rio
Grande (1893-1911).*



Benito Bisso Schmidt

**A DIRETORA DOS ESPÍRITOS DA
CLASSE: A “SOCIEDADE UNIÃO
OPERÁRIA” DE RIO GRANDE (1893-
1911).**

Rio Grande foi uma das primeiras cidades gaúchas a apresentar as marcas da sociedade urbano-industrial. Sobretudo nos primeiros anos, após a proclamação da República, desenvolveram-se no município indústrias de tecidos, charutos e conservas alimentícias, com consideráveis índices de capital investido e mão-de-obra empregada. Sendo o principal porto do estado, procurava alcançar o mercado nacional com poucos produtos, em torno dos quais concentrava o poder competitivo de suas empresas¹. Este processo foi percebido por muitos daqueles que o vivenciaram. Pedro Dantas, por exemplo, colaborador do jornal socialista *Democracia Social*, da vizinha Pelotas, assim descrevia a paisagem rio-grandina em 1893: “para todos os lados que se virar os olhos depara-se com um enorme cano de fábrica como que recortando os rolos de nuvens que passam pelo ar”².

Concomitantemente à industrialização ocorreu a formação de um proletariado urbano. É difícil precisar a população operária naquele momento, contudo algumas aproximações são possíveis. Segundo o jornal *A Patria*, Rio Grande tinha uma população de 20.277 pessoas em 1888³. Já em 1897, o *Echo Operario* calculava serem ao redor de 8.000 a 10.000 aqueles que viviam de seu próprio trabalho, incluindo os donos de oficinas

¹ Heloísa Jochims REICHEL. “A industrialização no Rio Grande do Sul na República Velha”. In: José Hildebrando DACANAL e Sergius GONZAGA (orgs.). *RS: economia & política*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1979, p. 262.

² *Democracia Social*. Pelotas, 10/12/1893, p. 1.

³ Apud, Beatriz Ana LONER. “Operários e participação no início da República: o caso de Pelotas e Rio Grande”. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, PUCRS, v. 22, n. 2, dezembro 1996, p. 72.

e artesãos autônomos⁴. No mesmo ano, este periódico refere que 105 empregados da fábrica Ítalo-Brasileira paralisaram suas atividades⁵. Uma das principais indústrias da cidade, a fábrica de tecidos Rheingantz, empregava no final do século XIX cerca de 900 pessoas entre homens, mulheres e crianças⁶. Por estes dados, muito incompletos sem dúvida, pode-se inferir que o contingente de operários era bastante significativo em relação ao número total de habitantes, percebendo-se igualmente uma grande concentração de trabalhadores em algumas empresas.

Nesta situação, Rio Grande destacou-se também como um dos principais núcleos do movimento operário do estado, cujas manifestações fizeram-se sentir desde as últimas décadas do século passado: jornais, associações, greves, *meetings*, comemorações do 1º de maio, entre outras atividades, despontaram na cidade ao longo da I República. O objetivo do presente artigo é analisar alguns aspectos da história da Sociedade União Operária, a principal entidade representativa dos trabalhadores locais, no período que vai de 1893, ano em que foi formada, até 1911, quando se deu o afastamento de Antônio Guedes Coutinho, uma de suas principais lideranças⁷. Três aspectos serão mais enfatizados: o perfil político-ideológico da Sociedade, as atividades culturais por ela promovidas e o seu relacionamento com outros movimentos da classe operária rio-grandina.

1- UMA ENTIDADE MAIS OU MENOS SOCIALISTA

A primeira tentativa de organizar o proletariado de Rio Grande ocorreu com a Liga Operária (1892)⁸ que teve “a duração

⁴ *Echo Operario*. Rio Grande, 24/10/1897, p. 1.

⁵ *Echo Operario*. Rio Grande, 19/09/1897, p. 4.

⁶ Raphael COPSTEIN. “O trabalho estrangeiro no município do Rio Grande”. *Boletim Gaúcho de Geografia*. Porto Alegre, AGB, n. 4, 1975, p. 25-26.

⁷ A União Operária só foi definitivamente fechada pelo golpe de março de 1964.

⁸ O jornal *Diário Popular* noticiou sua instalação em abril daquele ano. *Diário Popular*. Pelotas, 28/04/1892.

poética das rosas. Durou cinco meses aproximadamente". Sua dissolução foi determinada pelos "pescadores de águas turvas" que "levaram a política desmoralizada da burguesia para o seio da sociedade". O operariado local dividiu-se então em duas facções: uma que fundou o Centro Operário, composto em sua maioria por funcionários da fábrica Rheingantz, e outra que manteve o nome de Liga Operária. Ambas desapareceram com dias de diferença, o que provocou a desmobilização dos trabalhadores da cidade. A partir daí,

*foi tal o desânimo produzido no operariado pelo fracasso dessas sociedades e pelos acontecimentos pouco edificantes que nelas se deram, que ainda hoje se reconhece o receio e falta de confiança dos operários em tentativas de tal ordem."*⁹

No final de 1893, um grupo de "dedicados operários" tentou reverter este quadro de apatia. Ricardo Jacob Pretz, José Lucas Pereira de Almeida, Antônio Lucas de Almeida e João de Oliveira Neves, auxiliados por outros nove companheiros, convocaram uma reunião de "operários artistas" visando à organização de uma sociedade. Esta se realizou em 17 de dezembro, com 48 presentes, elegendo-se na ocasião uma diretoria provisória que conclamou o "operariado em geral" para o dia 24 do mesmo mês, quando definitivamente se fundou a entidade, escolhendo a assembléia o nome de União Operária¹⁰. Em janeiro do ano seguinte, foi eleita a chapa oficial encabeçada por Pretz¹¹. A instalação oficial da Sociedade ocorreu no dia 1º

⁹ *Echo Operario*. Rio Grande, 24/10/1897, p. 1.

¹⁰ Estes dados constam do quadro colocado na sala de honra da Sociedade União Operária por deliberação da assembléia geral realizada em 8 de dezembro de 1898.

¹¹ O jornal *Echo do Sul* apresentou a nomenclatura da chapa oficial no dia 6 de janeiro (*Echo do Sul*. Rio Grande, 06/01/1894, p. 2) e informou a sua eleição no dia 20 (*Echo do Sul*. Rio Grande, 20/01/1894, p. 2).

de maio, oportunidade em que a festa do trabalho foi comemorada pela primeira vez na cidade¹².

Desde o início de sua história, a União Operária contou com a atuação destacada do militante socialista Antônio Guedes Coutinho (1868-1945). Português de nascimento, chegou ao Brasil com 18 anos, desembarcando em Pelotas onde trabalhou como alfaiate. Participou da fundação da Liga Operária da cidade, da qual foi bibliotecário e secretário. Transferiu-se em 1893 para Rio Grande, empregando-se como tecelão na Rheingantz, exercendo ainda o magistério e o jornalismo. Foi logo convidado por Pretz para participar da primeira assembléia pública da União. A partir daí, sua trajetória pessoal confundiu-se com a da organização. Entre outras ações, ele apresentou o projeto e o desenho da bandeira da entidade, propôs a comemoração do 1º de maio e a criação de uma cooperativa. Em suas palavras, “durante quatro anos nada se fez na ‘União Operária’ sem que eu fosse chamado, eu era imprescindível, era quase um chefe contra a minha modéstia!”¹³. Ocupou diversos cargos na diretoria, inclusive a presidência entre julho de 1909 e outubro de 1910. Possivelmente devido a desentendimentos com a nova direção, aliados a outros fatores de ordem pessoal, transferiu-se para a cidade de Jaguarão em 1911¹⁴.

No que tange ao perfil político-ideológico da Sociedade, Sílvia Petersen a caracteriza como “orientada pelos princípios socialistas”¹⁵, o que parece ser confirmado pelas palavras de Coutinho: “esta associação é socialista em toda a sua lei, tem bandeira socialista e ninguém como ela tem no Brasil festejado o 1º de maio”¹⁶. Contudo, examinando-se outros documentos,

¹² *Echo Operario*. Rio Grande, 03/09/1899, p. 1.

¹³ *Echo Operario*. Rio Grande, 03/09/1899, p. 1.

¹⁴ Para maiores informações sobre o personagem ver: Benito Bisso SCHMIDT. *Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945)*. Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, 1996 (dissertação de mestrado).

¹⁵ Sílvia Regina Ferraz PETERSEN. *Origens do 1º de maio no Brasil*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1981, p. 23.

¹⁶ *Echo Operario*. Rio Grande, 23/01/1898, p. 2.

percebe-se que a sociedade abrigava em seu seio correntes com orientações diferenciadas: socialistas, anarquistas e mutualistas, além daqueles que simplesmente queriam usufruir dos benefícios oferecidos pela associação, como montepio, cooperativa, escola, atividades artísticas e recreativas etc¹⁷. Coutinho participou do grupo-hegemônico em alguns momentos-que buscava dar uma direção socialista à entidade. De acordo com suas palavras:

“Interessado no elevamento das classes operárias, e reconhecendo o próximo estacionamento da sociedade, por serem de efêmera duração os seus triunfos, procurei os mais ilustrados e conscientes consócios aos quais fiz ver o que sentia, que era o aborrecimento dos próprios operários, por nada lhe oferecermos de novo onde prendessem a sua atenção.

Discutimos o assunto, e concluímos por deliberação da maioria introduzir o socialismo abertamente no seio da sociedade, dando-lhe assim um caráter definido.

Se bem que desde a sua fundação eu trabalhasse para o mesmo fim, não perdendo ocasião de apresentar aos operários o exemplo dos companheiros da Europa, era entretanto muito comedido nas minhas apreciações para evitar dissidências no seio da sociedade. Mas desde que achei companheiros capazes de me acompanharem, declarei abertamente o que deveríamos fazer na ‘União Operária’, e de que só na esperança de vê-la um dia com o Partido Socialista no seu seio, é que a acompanhava.”¹⁸

A citação ilustra o tipo de socialismo ali vigente naquele momento, no qual se enfatizava a necessidade da criação de um partido político dos trabalhadores e eleição de representantes socialistas para os parlamentos, como forma mais adequada de defender os operários da política burguesa. Entretanto, a

¹⁷ Segundo Petersen, a União tinha em 1897 aproximadamente 1.000 sócios, embora poucos fossem de fato militantes. Sílvia PETERSEN. *Origens...*, op. cit., p. 24.

¹⁸ *Echo Operario*. Rio Grande, 03/09/1899, p. 1.

introdução do socialismo não eliminou a heterogeneidade ideológica presente na Sociedade, o que pode ser percebido pela oscilação das declarações de Coutinho: em 1897, ele afirmou que a

União Operária - se bem que não tenha como socialista aparecido em campo para lutar pelos direitos dos associados - é incontestavelmente uma associação socialista, cujos princípios estão reconhecidos publicamente em todos os seus atos.

Em outro trecho do mesmo artigo, contudo, o tom enfático arrefeceu: a associação aparece caracterizada como a “única que aqui tem existido com princípios mais ou menos socialistas”¹⁹. No ano seguinte, a hesitação permaneceu: “esta associação é socialista em toda a sua lei (...) e em todos os seus atos é socialista. Mas por um pirronismo inexplicável não admite a luta política”²⁰. Alguns meses depois, seu discurso tinha outra ênfase: “a ‘União Operária’ não tem política (...). A lei dessa sociedade priva-a de ter política, e os operários sabem respeitar as leis que fazem”²¹.

Em função destas diferenças internas, os conflitos na entidade eram freqüentes e envolviam principalmente dois grupos: os adeptos do socialismo e aqueles que não queriam a “política” na organização. Por exemplo: em setembro de 1898, o Sr. Mário Douglas, na coluna “Notas ligeiras” da *Tribuna do Povo*, censurou a União Operária por esta haver cedido seus salões para a realização das assembleias do recém-criado Partido Socialista local. O *Echo Operario*, que era dirigido por Coutinho, respondeu da seguinte forma:

isto não implica nada com a lei da associação, como o proprietário do prédio onde ela funciona, apesar de

¹⁹ *Echo Operario*. Rio Grande, 24/10/1897, p. 1. Grifo meu.

²⁰ *Echo Operario*. Rio Grande, 23/01/1898, p. 2.

²¹ *Echo Operario*. Rio Grande, 04/09/1898, p. 1.

capitalista, não tem nada com as discussões anti-proprietárias nela travadas.”²²

O jornalista João José Cezar também protestou, durante uma assembléia, contra a ideologização da sociedade, afirmando: “se estava numa assembléia de socialistas, se retiraria, porque era completamente adverso a essas teorias, como já muitas vezes o tinha declarado (...)”²³.

Um ano depois a tensão cresceu consideravelmente: a diretoria da entidade resolveu não mais permitir que o Partido Socialista realizasse reuniões em suas dependências. Coutinho assim reagiu a esta decisão:

“A (...) ‘União Operária’ que em boa lógica deveria ser a melhor auxiliar do partido, é ao contrário quem mais tenta prejudicá-lo por intermédio de alguns dos seus membros.

*.....
É a primeira vez, que nos conste, que uma associação operária se nega a auxiliar uma tentativa de propaganda e instrução operária, muito principalmente quando se declara pela imprensa que será livre à entrada e à palavra.*

Resta-nos a consolação de termos conhecido mais uma vez a má vontade de alguns membros da diretoria daquela sociedade para com o nosso partido, e certificar-nos de que são os de casa os piores inimigos.”²⁴

As fontes não trazem maiores informações sobre o caso. Contudo, é possível presumir que o grupo socialista se articulou para conseguir na assembléia a derrubada da proibição. Afinal, no mês seguinte, o Partido já realizava novamente encontros nos salões da União, “cedidos para este fim”²⁵. Buscando evitar

²² *Ibid.*

²³ *Echo Operario*. Rio Grande, 11/09/1898, p. 2.

²⁴ *Echo Operario*. Rio Grande, 03/09/1899, p. 2.

²⁵ Segundo convite assinado pelo secretário do Partido, Antônio Guedes Coutinho, e publicado no *Echo Operario*. Rio Grande, 29/10/1899, p. 1.

problemas desta ordem, os Estatutos de 1903 determinavam que “aos associados é livre pertencerem a este ou aquele partido político, mas é-lhes expressamente proibido fazer dela [sic] propaganda dentro ou fora do recinto da sociedade em seu nome”²⁶.

Estes conflitos mostram a dificuldade de se definir com precisão o perfil político-ideológico da União Operária, indicando também que talvez seja mais proveitoso considerá-la como um *locus* de embates e alianças entre tendências variadas. Os referidos Estatutos procuravam dar conta de tais diferenças, instituindo, na Direção da entidade, a representação proporcional das forças políticas presentes - mas, com o preenchimento pelas minorias dos segundos cargos da Diretoria, evitando-se assim o monopólio de um único grupo na sua condução²⁷.

É importante destacar igualmente a presença combativa do grupo socialista, interessado em constituir, a partir da União, um partido para a defesa dos trabalhadores. Apesar das resistências de alguns sócios, este objetivo efetivou-se na criação de um efêmero Partido Socialista que participou das eleições municipais de 1898 e 1900, sendo derrotado nas duas ocasiões, possivelmente devido à fraude eleitoral que campeava na I República²⁸. Segundo Loner, após estas derrotas, os socialistas rio-grandinos abandonaram, ao menos temporariamente, a estratégia de conquista eleitoral do poder político e abraçaram com mais ênfase a tarefa de conscientização do operariado, havendo inclusive uma maior proximidade, indicada pelo trabalho conjunto em jornais e na própria União, com lideranças anarquistas²⁹.

²⁶ *Estatutos da Sociedade União Operaria*. Rio Grande, Tipografia do Diário do Rio Grande, 1903, p. 21.]

²⁷ “O sistema das eleições será o escrutínio secreto; as minorias serão representadas nos segundos lugares, quando atinjam a um terço da votação: isto quanto à diretoria”. Esta última era composta por dois presidentes, dois secretários, dois tesoureiros, um procurador e dois bibliotecários. *Estatutos...*, *op. cit.*, p. 9-10. Ver também Beatriz Ana LONER. “Operários e participação...”, *op. cit.*, p. 75-76.

²⁸ Benito Bisso SCHMIDT. *Uma reflexão...* *op. cit.*, p. 218-228.

²⁹ Beatriz Ana LONER. “Operários e participação...” *op. cit.*, p. 80.

A última referência encontrada nas fontes, sobre o PS local, data de 1902³⁰, mesmo ano em que a União fez-se representar, na pessoa de Coutinho, na Segunda Conferência Socialista Nacional realizada em São Paulo. Neste encontro decidiu-se fundar o Partido Socialista Brasileiro, cujo programa enfatizava a necessidade da luta política e da instrução dos trabalhadores³¹. Porém, de acordo com Hardman e Leonardi, “o PSB, fundado em 1902, não conseguiu deixar de ser uma federação de grupos locais mais ou menos isolados e de grande heterogeneidade”³². Apesar dos esforços de seu delegado, a Sociedade, situada numa cidade tão distante do centro das decisões, não parece ter mantido vínculos mais estreitos com o Partido³³.

Em relação às elites, a União tinha uma postura ambígua. Em alguns momentos emitia posições bastante críticas sobre a sociedade burguesa, como na apresentação do Relatório de 1903, feita pelo Presidente da Diretoria Carlos Schmidt Júnior: para ele, o capitalismo representava o “retrocesso, esforçando-se por manter o privilégio iníquo do gozo” e o proletariado, “inspirado na Justiça e na Razão”, deveria defender os seus “direitos em nome da Humanidade”³⁴. Contudo, as fontes também mostram que a instituição mantinha vínculos com os poderes constituídos: ela contava, por exemplo, com um subsídio da municipalidade, destinado prioritariamente ao funcionamento de sua escola³⁵. Em outros momentos, estes vínculos podiam ser menos materiais e mais simbólicos como quando fez-se representar na sessão

³⁰ *Diário Popular*. Pelotas, 07/05/1902.

³¹ O manifesto do PSB aparece transcrito em *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 28/08/1902, p. 3. (edição fac-similar).

³² Foot HARDMAN e Victor LEONARDI. *História da Indústria e do Trabalho no Brasil*. São Paulo, Ática, 1991, p. 195.

³³ Benito Bisso SCHMIDT. *Uma reflexão... op. cit.*, p. 195-196.

³⁴ *Relatório da Sociedade União Operária do Rio Grande*. Apresentado à Assembleia Geral de 15 de novembro de 1903 pelo Presidente da Diretoria Carlos Schmidt Júnior. Rio Grande, Tipografia do Diário do Rio Grande, 1903, p. 4.

³⁵ *Ibid.*, p. 18.

fúnebre do intendente e chefe político local, Juvenal Otaviano Müller, consignando-se em ata um “voto de profundo pesar pela passagem à vida subjetiva do inesquecível e honrado administrador do município”³⁶.

Portanto, em termos gerais, é possível dizer que, no período examinado, a União foi bastante representativa das diversas tendências que animavam o movimento operário de Rio Grande, pautando-se sobretudo por uma prática reformista que visava à conscientização e à melhoria das condições de vida dos trabalhadores locais.

2 - INSTRUÇÃO E CULTURA: ARMAS DE COMBATE E CIVILIZAÇÃO

O artigo 59 das Disposições Gerais dos Estatutos da Sociedade União Operária, aprovados em 1903, afirmava: “a direção da sociedade envidará todos os esforços para desenvolver a instrução, principal base da felicidade dos povos”³⁷. No mesmo ano, na apresentação de seu Relatório, o presidente da entidade, Carlos Schmidt Júnior, também enfatizava a importância da instrução para combater o “indiferentismo deprimente” do operariado de Rio Grande:

*“a história nos ensina (...) que a instrução jamais foi dada aos povos pelas classes improdutivoas, visto convir-lhes a cegueira intelectual das classes trabalhadoras; portanto, a nós próprios cumpre forjar a ação dessa arma poderosa que servirá de instrumento de combate e de civilização.”*³⁸

Estas citações exemplificam uma concepção bastante comum no movimento operário da época, que via, na “elevação

³⁶ Livro de Atas das Sessões da Diretoria, 1906-1911. Ata de 13/09/1909, p. 153.

³⁷ Estatutos... *op. cit.*, p. 20.

³⁸ Relatório... *op. cit.*, p. 3-4.

cultural do proletariado”, o caminho para sua emancipação. Com tal finalidade, a União desenvolveu uma série de atividades educacionais e culturais voltadas aos seus associados.

Desde 1895, a entidade manteve uma escola para os filhos dos operários. O “mapa das aulas”, anexo ao citado Relatório, indica a presença de 95 alunos do sexo masculino e 100 do sexo feminino, matriculados nos oito primeiros meses de 1903³⁹. A documentação disponível não traz maiores informações sobre o tipo de ensino que era ministrado nestas aulas. Os Estatutos previam a fundação de “escolas industriais”⁴⁰, mas a única iniciativa de ensino profissionalizante encontrada foi um ateliê de costura para esposas e filhas de operários, ainda no final do século XIX⁴¹.

Coutinho foi professor desta escola desde sua fundação até 1905, continuando como inspetor até 1909. Para ele, a instrução dos operários era uma missão de caráter político, uma arma de luta contra a opressão dos patrões. Em sua obra teórica mais acabada, o *Catecismo Socialista*, recomendava o estabelecimento de escolas para os proletários,

*onde possam educar-se livres dos preconceitos estúpidos e absurdos do respeito ao capital, preconizados tão habilmente nos livros adotados nas escolas públicas por ordem dos governos burgueses.”*⁴²

No mesmo sentido, o *Echo Operario* criticou a proibição de ensino superior às quatro operações, leitura e escrita para os filhos dos operários, estabelecida por uma fábrica “importantíssima desta cidade”. Afirmava o redator de forma irônica:

se eu dissesse que este burguês teme que os operários possam pelo estudo chegar ao conhecimento de que são

³⁹ *Ibid ... op. cit.*, p. 17.

⁴⁰ *Estatutos... op. cit.*, p. 20.

⁴¹ *Echo Operario*. Rio Grande, 14/11/1897, p. 3.

⁴² Antônio Guedes COUTINHO. *Catecismo Socialista*. Rio Grande, publicado como folhetim no *Echo Operario*, 1898, p. 4.

roubados escandalosamente por aqueles que recebem um ordenado e não merecem, haviam de dizer que sou falador.”⁴³

Por declarações como estas, pode-se imaginar que o militante misturava às suas lições pitadas de teoria socialista e de denúncias contra a sociedade burguesa.

Contudo, apesar destas idéias progressistas para a época, os colégios da União mantinham em seu cotidiano práticas pedagógicas bastante tradicionais: o controle do tempo e da movimentação dos alunos era rigoroso e, com frequência, utilizavam-se métodos punitivos, sendo o inspetor o responsável pela manutenção da disciplina. Além disso, apesar de tentativas em contrário, a separação entre meninos e meninas permaneceu até o final da Primeira República⁴⁴. Segundo Norma Corrêa, este estabelecimento “distinguia-se pelo ensino laico, formal e autônomo. Todavia reproduzia na sua rotina diária uma postura coercitiva, manifestada nas relações professor-aluno e professor-inspetor das aulas”⁴⁵. De qualquer forma, é importante salientar a importância desta iniciativa, pioneira no estado, de instrução dos trabalhadores promovida pelo movimento operário, em um contexto no qual a educação era basicamente privada, religiosa e extremamente elitizada.

Além da escola, outras atividades culturais menos formalizadas foram levadas a cabo pela Sociedade, entre as quais destacam-se o estabelecimento de uma biblioteca e a realização de espetáculos teatrais.

Segundo os Estatutos, cabia ao primeiro bibliotecário “comparecer todas as noites das 7 às 9 da noite nos salões da biblioteca para atender ao expediente”⁴⁶. Neste horário,

⁴³ *Echo Operario*. Rio Grande, 12/09/1897, p. 1-2.

⁴⁴ Em 11 de junho de 1905, o Conselho Deliberativo da Sociedade recebeu a proposta de criação de uma aula mista única que não foi aprovada. Livro de Atas do Conselho Deliberativo, 1904-1909. p. 58.

⁴⁵ Norma Elizabeth Pereira CORRÊA. *Os libertários e a educação no Rio Grande do Sul (1895-1926)*. Porto Alegre, PPG em Educação da UFRGS, 1987 (dissertação de mestrado). Ver também os *Estatutos... op. cit.*, onde aparece o *Regulamento da Escola*.

⁴⁶ *Estatutos... op. cit.*, p. 14.

provavelmente o único possível aos trabalhadores que labutavam nas fábricas e oficinas, os interessados tinham ao seu dispor, em 1903, 759 volumes, além de jornais de diversas partes do país e mesmo de Portugal. O movimento de leitores no ano foi de 3.385 pessoas, sendo que 507 livros foram retirados⁴⁷. Em uma passada de olhos pelos títulos editados até 1930 ainda preservados, percebe-se a grande heterogeneidade dos gêneros abarcados: romances, almanaques, manuais técnicos, livros sobre socialismo e positivismo, entre outros, sendo uma parte considerável de edições portuguesas⁴⁸.

O “Grêmio Lyrico Dramático” da Sociedade foi fundado em 13 de abril de 1902, sendo considerado pelos Estatutos “uma agremiação perfeitamente autônoma, quanto à sua administração interna, mas ligada intimamente à União por solidariedade de princípios e por comunhão de interesses”⁴⁹. Em 1903, o Relatório da Diretoria informava que “este futuroso ramo esteve suspenso durante algum tempo, reencetando ultimamente seus ensaios” e dele esperava “maiores vantagens - quer instrutiva quer pecuniariamente”⁵⁰. As peças, a maioria de fundo social, eram encenadas principalmente em datas festivas como o Dia do Trabalho. Assim, na noite do 1º de maio de 1903,

*foi representado em gala e comemorando a gloriosa data, no [teatro] Polytheama Rio-Grandense, pelo nosso Grêmio Dramático, o segundo drama de nosso infatigável companheiro A. Guedes R. Coutinho - René - que obteve colossal sucesso*⁵¹.

Em 1905, o jornal *O Proletario* noticiou que um drama

⁴⁷ Relatório... *op. cit.*, p. 18-19.

⁴⁸ A Biblioteca faz parte do acervo do Arquivo da Sociedade União Operária de Rio Grande, conservado no Centro de Documentação Histórica Hugo A. P. Neves da Universidade do Rio Grande. Rio Grande/RS.

⁴⁹ Estatutos... *op. cit.*, p. 31.

⁵⁰ Relatório... *op. cit.*, p. 12.

⁵¹ *Ibid*... *op. cit.* p. 6-7. Segundo o mesmo documento (p. 6), no dia 15 de março, Coutinho pediu apoio à União para encenar seu primeiro trabalho dramático, *A Greve*, que lhe foi concedido.

de autoria da anarquista Agostina Guizzardi, *A Honra Proletária*, foi apresentado na véspera do Natal, no palco da União Operária, sendo então muito aplaudido. Informava também que a peça “visa à propaganda das idéias libertárias, convictamente professadas pela sua dedicada autora”. O espetáculo foi reencenado no ano seguinte, durante uma festa realizada em homenagem a um marinheiro português, provavelmente um importante ativista do movimento operário, que estava de passagem pela cidade⁵².

Como um símbolo da diversidade ideológica presente na União, o palco do seu Grêmio Lyrico Dramático abrigava peças de conteúdo doutrinário diferenciado, escritas por socialistas como Coutinho, ou anarquistas como Guizzardi, mas que tinham como objetivo comum a conscientização dos espectadores para a necessidade de transformação social. Neste sentido, o teatro funcionava como “um instrumento de formação cultural e política da melhor qualidade, pois atingia a própria família do operário que freqüentava as apresentações promovidas pelas sociedades”⁵³.

Para dar uma idéia do *clima* destas apresentações, cito a descrição de um “sarau dramático” realizado na União, em 1911, feita pelo jornal *Rio Grande*:

“Realizou-se, sábado, o sarau dramático do Grêmio da União Operária, levando-se à cena o drama ‘A Tocadora de Harpa’ e a comédia ‘Furiosa de Amor’, ambas as peças desempenhadas de forma a merecer aplausos que a numerosa assistência dispensou aos seus inteligentes e estudiosos intérpretes.

No intervalo do 2º ato, o Sr. Guedes Coutinho, em nome do Grêmio, ofereceu ao respectivo ensaiador, Sr. Rafael Ferrer, e ao ponto Sr. Leonini, dois lindos ramalhetes de flores naturais, acompanhados de palavras de

⁵² *O Proletario*. Rio Grande, 28/01/1906, p. 2.

⁵³ Sílvia R. F. PETERSEN e Maria E. LUCAS. *Antologia do Movimento Operário Gaúcho, 1870-1937*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS - Tchêl, 1992, p. 111.

reconhecimento àqueles que tão assinalados serviços têm prestado à mencionada corporação."⁵⁴

A União promoveu também outras atividades culturais e recreativas, como conferências, festas e espetáculos a cargo de sua banda musical. Estas objetivavam atrair os operários para a entidade, possibilitando ao mesmo tempo sua "elevação cultural", vista como instrumento de combate por um mundo menos injusto e mais civilizado.

3 - A UNIÃO E A INDISCIPLINADA CLASSE OPERÁRIA LOCAL

Segundo Claudio Batalha, a partir de fins do século XIX, a classe operária brasileira construiu sua identidade em torno da noção do trabalho, procurando assim distinguir-se do conjunto dos excluídos, dos pobres em geral: "afinal de contas, o trabalho é um fator de forte legitimação social numa sociedade que nega qualquer legitimidade às classes subalternas"⁵⁵.

Esta busca da distinção e da afirmação social pelo trabalho levou muitas organizações operárias a exercerem uma função normativa sobre seus associados, elaborando uma determinada representação do que deveria ser o bom militante: combativo e atuante, mas também ordeiro, disciplinado e, sobretudo, trabalhador, diferente portanto da desregrada e desocupada *escória* que com ele dividia as ruas das cidades industriais.

A União Operária de Rio Grande participou deste esforço, buscando em diversas ocasiões estabelecer sua identificação com as *classes laboriosas* e, conseqüentemente, excluir qualquer vínculo com as *classes perigosas*⁵⁶. Neste sentido, segundo

⁵⁴ *Rio Grande*. Rio Grande, 10/07/1911, p. 1.

⁵⁵ Claudio H. M. BATALHA. "Identidade da classe operária no Brasil (1880-1920): atipicidade ou legitimidade". *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 12, n. 23/24, setembro 1991/agosto 1992, p. 120.

⁵⁶ Expressões de Louis CHEVALIER. *Classes Laborieuses, Classes Dangereuses*. Paris, Hachette, 1984.

os Estatutos, para ser admitido como sócio, exigia-se do pretendente *“ter conduta moralizada”*. Em seu cotidiano, a entidade procurou controlar inclusive o lazer dos associados, admitindo apenas *“jogos próprios de sociedade como damas, música”* e regulando minuciosamente os horários e condutas nos bilhares que possuía: entre outras medidas, determinava-se que *“não é permitido jogar a dinheiro”*; *“não é permitido jogar além da hora regimental da sociedade”*; *“o sócio arrelento não jogará mais nos bilhares”*⁵⁷. Na mesma linha de pensamento, o Partido Socialista local só aceitava membros com *“bom comportamento”*⁵⁸, e propunha a criação de *“impostos progressivos sobre tavernas e fábricas de bebidas alcóolicas até a sua extinção”*⁵⁹.

O intuito disciplinador da União não se voltou apenas para o comportamento de seus membros, mas também para o conjunto dos movimentos reivindicatórios da classe operária local. Por exemplo: em setembro de 1897, os operários da fábrica Ítalo-Brasileira entraram em greve. O *Echo* referiu-se ao fato da seguinte maneira:

“Há no nosso operariado uma intuição de revolta de que ele não procura saber a causa; que ele sente como um desejo irresistível, mas que não sabe explicar e que mesmo não procura explicar tal é a indiferença com que olha para as coisas que lhe dizem respeito.

Não quer ouvir conselhos, não admite a necessidade de associações operárias onde de comum acordo as classes resolvam as questões que afetam os seus interesses; não há meio de chamar-lhes a atenção para a unidade socialista sem a qual não há possibilidade de vencer. Mas falem-lhe em coagi-los desta ou daquela liberdade; falem-lhe

⁵⁷ Estatutos... *op. cit.*, p. 4 e 37. O *Echo Operario* noticiou que, em 1897, a regulamentação do horário do bilhar gerou protestos entre os associados. *Echo Operario*. Rio Grande, 19/09/1897, p. 3-4.

⁵⁸ *Projeto de estatuto-regulamento*, publicado no *Echo Operario*. Rio Grande, 22/01/1899, p. 3.

⁵⁹ *Programa do Partido Socialista de Rio Grande*, publicado no *Echo Operario*. Rio Grande, 11/09/1898, p. 3-4.

*principalmente em questões de abuso patronal, e vê-
mos em seguida abandonar o trabalho com a mesma
indiferença com que vai de manhã para o serviço, ou à
noite para casa.*

.....
*Oxalá que os operários consigam o aumento dos 40 rs.
por metro [de tecido produzido] e o pagamento integral
todos os fins de mês como desejam; mas não o garantimos
porque as greves feitas sem preparo, a desunião que reina
entre o nosso operariado é um descalabro capaz dos maiores
baixames para a classe.*

*Infelizmente os operários do Rio Grande não têm querido
compreender a utilidade da União Operária que tanto os
podia ajudar nesta emergência.*

*Entretanto, já que fizeram a greve façam por sustentá-
la que com isso sustentarão a sua dignidade; e se perderem,
lembrem-se de que mais dia menos dia terão necessidade
de outra e que só com a união se consegue a força”⁶⁰.*

Ou seja, segundo o autor, os operários possuíam uma rebeldia espontânea - uma “intuição de revolta” ou “desejo irresistível” - que, para ser produtiva, precisava ser disciplinada pelas organizações operárias. A estas caberiam o preparo e a organização das greves, moldando-as de acordo com a “unidade socialista sem a qual não há possibilidade de vencer”. Afinal, como o mesmo periódico ressaltou meses depois, “os princípios socialistas (...) são os únicos capazes de dar força e organização às nossas classes tão ignorantes, tão cheias de prejuízos e sobretudo tão indisciplinadas”⁶¹. Provavelmente, os paredistas não procuraram a União para “ouvir conselhos” quando da deflagração da greve. Desta forma, o redator até solidarizava-se com o movimento, mas achava difícil a sua vitória devido à falta de preparação e de união dos envolvidos.

⁶⁰ *Echo Operario*. Rio Grande, 19/09/1897, p. 4.

⁶¹ *Echo Operario*. Rio Grande, 13/03/1898, p. 1. Grifo meu.

Alguns dias depois, a mensagem do *Echo* parece ter encontrado ressonância entre os grevistas. Estes participaram de uma reunião na Sociedade, onde proferiram-se discursos em italiano e polonês. Na ocasião, Coutinho e outro orador dissertaram sobre a importância das associações operárias e, segundo a notícia, “a cada momento eram interrompidos pelas palmas”. O encontro terminou “com vivas à União Operária, ao socialismo e à confraternização dos povos”. De acordo com o jornal, “foi nesse dia estreada a tribuna da mesma sociedade o que é um prenúncio de felizes dias; pois nada melhor para estreá-la do que as discussões de uma greve. Pela nossa parte estamos satisfeitos”⁶².

Pelo exposto, pode-se deduzir que a entidade conseguiu direcionar os rumos da greve ou, pelo menos, sensibilizar os operários para os princípios por ela defendidos. Os funcionários da Ítalo-Brasileira tiveram suas reivindicações parcialmente atendidas⁶³.

Em 1899, verificou-se outra tentativa de subordinar os movimentos do operariado rio-grandino à direção da Sociedade. Desta vez, os tipógrafos que haviam fundado a União Tipográfica eram convidados a unirem-se à União Operária pois “todos sabem que os seus fins foram e são a defesa das classes trabalhadoras, dando-lhes, pela associação, a força de que precisam para a luta”. O articulista apresentava, então, os benefícios oferecidos pela instituição (escola, biblioteca, amparo social etc.) e afirmava que esta poderia “ser em muito breves anos, se os operários quiserem unir-se, a diretora do Rio Grande”⁶⁴.

Através dos Estatutos, a União procurou normatizar suas relações com o movimento operário local. No documento havia, por exemplo, uma seção dedicada às greves, na qual determinava-se que, “depois de estudados e discutidos pela própria classe os meios de fazer triunfar a sua pretensão, pedirão

⁶² *Echo Operario*. Rio Grande, 26/09/1897, p. 2-3.

⁶³ Segundo Sívila R. F. PETERSEN. *As greves no Rio Grande do Sul (1890-1919)*. In: José Hildebrando DACANAL e Sergius GONZAGA (org.). *RS: economia & política, op. cit.*, p. 291.

⁶⁴ *Echo Operario*. Rio Grande, 29/10/1899, p. 1-2. Grifo meu.

uma assembléia geral de representantes das classes para fazê-los conscientes de seus desejos e pedir-lhes conselho". Já no capítulo referente aos "*deveres das associações de classe para com a União Operária*", prescrevia-se, para cada associação, entre outras coisas, o seguinte: "não realizará sessões de assembléia geral sem a presença do delegado da União, salvo se passar da hora, o que deverá constar da redação da ata"; "respeitar e fazer respeitar a lei da União Operária, como casa chefe e principal autoridade das classes" e "não pôr nunca em prática medida alguma de ordem exterior, sem que o Centro tenha sido consultado"⁶⁵. Tais prescrições visavam estabelecer o controle da Associação sobre as demais manifestações e entidades do operariado rio-grandino, restringindo-se assim a sua autonomia. Nesta perspectiva, a União deveria ser a "diretora", a "casa chefe", a "principal autoridade", a quem caberia indicar os rumos a serem seguidos pelos trabalhadores da cidade.

Esta maneira de encarar o papel das associações encontra respaldo em uma concepção muito presente no movimento operário da época: aquela que via o proletariado como incapaz, devido à sua ignorância, de organizar-se e lutar por seus direitos sem a condução dos companheiros mais educados. Como afirmava Coutinho, "julgamos necessária a direção das massas por aqueles que forem capazes de dirigi-las"; ou ainda: "o povo quer por enquanto quem o dirija"⁶⁶. Caberia assim, no caso de Rio Grande, à União Operária ser a "diretora dos espíritos da classe em geral"⁶⁷.

Encerro reafirmando a importância da Sociedade União Operária de Rio Grande no conjunto do movimento operário brasileiro da República Velha, destacando também que este artigo examinou apenas alguns aspectos de sua história, sem qualquer pretensão de esgotar o assunto. Neste sentido, outras

⁶⁵ *Estatutos... op. cit.*, p. 17-18. Grifos meus.

⁶⁶ *Echo Operario*. Rio Grande, 23/01/1898, p. 3 e 25/09/1898, p. 1, respectivamente.

⁶⁷ *Echo Operario*. Rio Grande, 20/09/1896, p. 2. Grifo meu.

investigações que tratam direta ou indiretamente da entidade têm sido realizadas⁶⁸, restando ainda por serem feitos diversos outros estudos⁶⁹.

⁶⁸ Ver, por exemplo, Beatriz Ana LONER. "Operários e participação..." ...*op. cit.* (resultado parcial de uma pesquisa de doutoramento em andamento no PPG em Sociologia da UFRGS); Sílvia R. F. PETERSEN. "... que a União Operária seja a nossa Pátria!" (a história dos operários gaúchos contada desde a perspectiva das lutas para construir suas organizações). Porto Alegre, Relatório de Pesquisa CNPq, 1998, digitado; Maria Amélia Gonçalves da SILVA. "Rompendo o silêncio: a participação feminina no movimento operário de Rio Grande-Pelotas (1890-1920)". *Estudos Ibero-Americanos. Op. cit.* (resultado parcial de uma pesquisa de mestrado realizada no CPGH da PUCRS) e Eliana Gasparini XERRI. *Uma incursão ao movimento operário de Rio Grande no início do século XX*. Porto Alegre, CPGH da PUCRS, 1996 (dissertação de mestrado).

⁶⁹ Cabe salientar a importância dos acervos de quatro instituições: o Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP/Campinas), o Núcleo de Pesquisa em História (UFRGS/Porto Alegre), a Biblioteca Rio-Grandense (Rio Grande) e o próprio Arquivo da Sociedade União Operária existente no Centro de Documentação Histórica Hugo A. P. Neves (URG/Rio Grande), ainda muito inexplorado.



Retrato de Antônio Guedes Coutinho (1868-1945) líder operário na cidade de Rio Grande, RS. (Reprodução de Cláudio Rodrigues Simão a partir de vinheta em porcelana sobre lápide. Acervo do autor)



Sede própria da "Sociedade União Operária" de Rio Grande fundada em 13 dez. 1893, Rio Grande, RS, s.d. (Acervo do autor)